



EDIÇÃO Nº 12 — 2º SEMESTRE DE 2011  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 28/10/2011  
ARTIGO APROVADO ATÉ 11/11/2011

## **DE MÉDICO E DE LOUCO, TODO MUNDO É UM POUCO SIMÃO BACAMARTE**

Laércio De Jesus Café

Este artigo pretende analisar o conto “O Alienista”, de Machado de Assis, a partir das transformações sociais que ocorriam no Século XIX, insufladas pela limpeza social, entre cujos resultados estão a criação e a proliferação de lugares sociais constituídos para abrigar os “dejetos” sociais: albergues para mendigos e viajantes, asilos para idosos, orfanatos para crianças abandonadas ou sem pais, hospícios para os loucos, vilas para os leprosos, clínicas para os doentes e outras soluções que pudessem retirar do espaço social as feridas produzidas pelos próprios estados que se rendiam nesse momento aos apelos exigentes do capitalismo.

O processo higienizador iniciado no fim da Idade Média, na Europa, foi muito além de transformar os hábitos sociais e promover condições de higiene favoráveis ao desenvolvimento de corpos saudáveis e espaços limpos e organizados: a nova realidade passou a fazer parte de uma mentalidade social que se manifestou rapidamente em outras esferas das relações sociais, expressas no comportamento e na linguagem. Não demorou muito para que essa mentalidade se manifestasse também na literatura. No Brasil, conscientemente ou não, grande parte dos escritores se mirava nos novos paradigmas sociais ao construir seus personagens. É o caso de Machado de Assis que escreveu, dentre outros, “O Alienista”, conto que será um referencial no conjunto de obras literárias desse autor, publicado em 1882, no livro de contos *Papeis Avulsos*.

O conto trata do tema da loucura: quem é louco? Mas, a leitura analítica desse conto exige uma consideração a respeito do tempo histórico e o tempo da narrativa. Em relação ao tempo histórico, o narrador dá alguns sinais, como é possível perceber no trecho:

Costa era um dos cidadãos mais estimados de Itaguaí, Herdara quatrocentos mil cruzados em boa moeda de El-rei Dom João V, dinheiro cuja renda bastava, segundo lhe declarou o tio no testamento, para viver "até o fim do mundo". Tão depressa recolheu a herança, como entrou a dividi-la em empréstimos, sem usura, mil cruzados a um, dois mil a outro, trezentos a este, oitocentos àquele, a tal ponto que, no fim de cinco anos, estava sem nada. (ASSIS, 2004, p. 61)

Os lugares de presidente e secretários eram de nomeação régia, por especial graça do finado Rei Dom João V, e implicavam o tratamento de Excelência e o uso de uma placa



EDIÇÃO Nº 12 — 2º SEMESTRE DE 2011  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 28/10/2011  
ARTIGO APROVADO ATÉ 11/11/2011

de ouro no chapéu. O governo de Lisboa recusou o diploma; mas, representando o alienista que o não pedia como prêmio honorífico ou distinção legítima, e somente como um meio terapêutico para um caso difícil, o governo cedeu excepcionalmente à súplica; e ainda assim não o faz sem extraordinário esforço do ministro da marinha e ultramar, que vinha a ser primo do alienado. (ASSIS, 2004, p. 97)

Sabe-se que, com a chegada da corte portuguesa ao Brasil, em especial no Rio de Janeiro, o modelo europeu de higiene encontrou uma considerável deficiência urbana que não se enquadrava ao modelo capitalista europeu. Com isso a sociedade brasileira começou a se enquadrar aos hábitos da aristocracia e a indústria e comércio internacional. Uma referência histórica toca o conto: a transferência do vice-reinado da Bahia para o Rio de Janeiro, percebido no diálogo entre o vigário e Simão Bacamarte, em que o padre “indagava do Rio de Janeiro, que ele não vira desde o vice- reinado anterior” (ASSIS, 2004, p. 67).

Machado de Assis põe à mostra, no conto, costumes locais modificados, que procuravam imitar os costumes da corte portuguesa, isso desde a vinda da família real para o Brasil: “Os lugares de presidente e secretários eram de nomeação régia, por especial graça do finado rei Dom João V, e implicavam o tratamento de Excelência e o uso de uma placa de ouro no chapéu” (ASSIS, 2004, p. 97). Alguns outros fatores temporais são apresentados no texto, ligados à cronologia específica da narrativa.

### **“O Alienista” e sua pergunta: quem são os loucos?**

Os loucos sempre atraíram sobre si a atenção alheia, despertando sentimentos diversos: medo, admiração, reserva, curiosidade. Também o tratamento dado ao louco foi e ainda é diferente em cada cultura. Para Foucault:

Esses textos não descobrem a necessidade de um tratamento psicológico; antes assinalam o fim de uma época: aquela onde a diferença entre medicamentos físicos e tratamentos morais ainda não era sentida como uma evidência pelo pensamento médico. A unidade dos símbolos começa a desfazer-se, e as técnicas se isolam de sua significação global. A única eficácia que lhes é atribuída é de ordem regional — sobre o corpo ou sobre a alma. A cura novamente muda de sentido: ela não é mais trazida pela unidade significativa da doença, agrupada ao redor de suas qualidades maiores mas, aos poucos, deve dirigir-se aos diversos elementos que a compõem; constituirá uma seqüência de destruições parciais, na qual o ataque psicológico e a intervenção física se justapõem, adicionam-se mas não se penetram. (FOUCAULT, 1978, p357).

O que pode um louco investido de poder? A história mostra que a associação entre poder e loucura pode ser perigosa: a Bíblia registra um episódio em que o Rei Nabucodonosor passou por período de alienação, vagando pelos campos, alimentando-se de capim, bebendo água como os bois. Em Roma, um imperador enlouquecido, Nero, pôs fogo na cidade. Na Idade Média, a loucura tinha uma tonalidade fortemente cômica, como uma forma de expor à realidade da época, em que a igreja era a detentora do poder e do Estado. Do ponto de vista popular, a



EDIÇÃO Nº 12 — 2º SEMESTRE DE 2011  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 28/10/2011  
ARTIGO APROVADO ATÉ 11/11/2011

loucura era motivo de se fazer rir, alegria. Na irreverente “Festa dos Loucos”<sup>1</sup>, as cidades eram tomadas de alegria, com as multidões cercando os loucos, fazendo-lhes brincadeiras e chacotas. Os loucos eram coroados “reis” e “rainhas”. Era uma espécie de destronamento fictício do poder instituído.

No Brasil, as leis higienistas são logo importadas, em medidas que atingiam diretamente as famílias. Jurandir Freire Costa, em *Ordem médica e norma familiar*, no qual discute as ações higienistas no Brasil e seus reflexos, explica como isso acontece e como interfere nas relações familiares e nas relações comunitárias:

A medicina social criava o fato médico inédito e apresentava-o a família que, atônita, descobria no saber higiênico a prova de sua incompetência. O exemplo do amor a pátria é elucidativo desta produção de fenômenos higiênicos. Os médicos, através de suas teorias, redefiniram o sentimento social de maneira absolutamente surpreendente (1979, p. 71-72).

No conto de Machado de Assis, Simão Bacamarte, personagem central, está tomado de uma autoridade científica, um diploma de médico que lhe confere um poder extraordinário na pequena Itaguaí. Paradoxalmente, ele possui uma fé inabalável na ciência e idealiza uma sociedade perfeita, sem loucos.

Homem compenetrado em seus experimentos, o cientista Simão Bacamarte é um típico cientista: despreza as manifestações populares de fé e é muito sério. Bacamarte não ria, afinal, um verdadeiro cientista não ri, no máximo ironiza. Os cientistas tinham uma visão do humor, “o riso”, somente como um caráter modesto das pessoas. Para homens de ciência como Bacamarte, o riso era um legado popular que deformava o espírito racional do homem. Bakhtin (1999, p. 39) adverte a respeito da consideração que se tem pelas formas populares de convivência festiva, consideradas grotescas: “é preciso lembrar que na evolução seguida pela estética filosófica até aos nossos dias, o grotesco não foi compreendido nem apreciado de acordo com o seu valor, nem encontrou um lugar no sistema estético”.

Com um trabalho minucioso, Machado de Assis consegue, contudo, arrancar o riso do leitor com um personagem ridiculamente sério, poderoso e convicto de seu saber.

---

<sup>1</sup>A festa dos loucos defendia as brincadeiras e tolices, podendo ser manifestadas livremente, uma vez que elas existem em nossa natureza e não são levadas a serio. (BAKHTIN, 1999, p 65)



EDIÇÃO Nº 12 — 2º SEMESTRE DE 2011  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 28/10/2011  
ARTIGO APROVADO ATÉ 11/11/2011

### **Simão Bacamarte: da medicina higienista à polícia médica**

A construção de personagens baseia-se em elementos concretos, que ajudam a compor um tipo físico, imbuído de um caráter e uma personalidade, conhecidos pelo leitor à medida que avança na leitura: aos poucos, em pequenos gestos e em discursos, cada personagem dá-se a conhecer pelo leitor. De acordo com Antônio Candido (2000):

(...) complicando-se pela ação que a obra realizada exerce tanto sobre o público, no momento da criação e na posteridade, quanto sobre o autor, a cuja realidade se incorpora em acréscimo, e cuja fisionomia espiritual se define através dela. Em contraposição a atitude tradicional e unilateral, que considerava de preferência a ação do meio sobre o artista, vem-se esboçando na estética e na sociologia da arte uma atenção mais viva para este dinamismo da obra, que esculpe na sociedade as suas esferas de influencia, cria o seu público, modificando o comportamento dos grupos e definindo relações entre os homens (CANDIDO, 2000, p 74)

Vivendo em um tempo inflado pelas descobertas científicas, em que se cria que a Ciência haveria de encontrar remédio para todos os males, Machado de Assis adotou uma postura reservada em relação ao discurso promissor, otimista e positivista dos cientistas. Irônico, ele constrói um personagem impagável, para sempre marcado na literatura brasileira: Simão Bacamarte, personagem ambíguo que, apesar de seu discurso certo, objetivo, científico, é, paradoxalmente, crédulo: não em uma fé religiosa, mas na Ciência. Bacamarte confere com o perfil do médico psiquiatra do Século XIX:

Com efeito, era difícil imaginar mais racional sistema terapêutico. Estando os loucos divididos por classes, segundo a perfeição moral que em cada um deles excedia às outras, Simão Bacamarte cuidou em atacar de frente a qualidade predominante. Suponhamos um modesto. Ele aplicava a medicação que pudesse incutir-lhe o sentimento oposto; e não ia logo às doses máximas,—graduava-as, conforme o estado, a idade, o temperamento, a posição social do enfermo. Às vezes bastava uma casaca, uma fita, uma cabeleira, uma bengala, para restituir a razão ao alienado; em outros casos a moléstia era mais rebelde; recorria então aos anéis de brilhantes, às distinções honoríficas, etc. Houve um doente poeta que resistiu a tudo. Simão Bacamarte começava a desesperar da cura, quando teve a idéia de mandar correr matraca para o fim de o apregoar como um rival de Garção e de Píndaro. (ASSIS, 2004, p 96-97)



EDIÇÃO Nº 12 — 2º SEMESTRE DE 2011  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 28/10/2011  
ARTIGO APROVADO ATÉ 11/11/2011

O leitor inicia o conto conhecendo uma personalidade de renome internacional, respeitadíssima. Mas, aos poucos, essa imagem vai se desconstruindo: de um homem absolutamente confiante nas respostas científicas, o leitor passa a desconfiar da integridade mental de Simão Bacamarte.

Investido de poder outorgado pela vereança, Simão Bacamarte age coercitivamente, em nome de sua crença na ciência. Ele acredita que é preciso confinar os loucos, que representam um grande para a cidade. Dessa forma, vê-se que o discurso de Bacamarte é bastante imbuído da mentalidade da época, que perdura até hoje, que acredita que, criar lugares de confinamento para os “indesejáveis”, seja uma ação suficiente, pois esconde da face sã a face louca da sociedade. Assim, o hospício ganha um lugar de destaque na sociedade, assim como os orfanatos, hospitais, leprosários, asilos e outros.

O médico ou narrador funcionam como porta-vozes do discurso do conhecimento para confirmá-lo como instância de poder; em “**O Alienista**”, contudo, o discurso do médico é apresentado em suas relações de poder exatamente para colocá-lo em xeque. Ou seja, o poder do médico de Itaguaí, que representava a voz da ciência, é apresentado não para confirmá-lo, mas para desconstruir a ideia de isenção científica. (SANTOS, 2010).

É preciso observar o personagem Simão Bacamarte em seus variados aspectos: um homem casado e esposo responsável que sonha em construir posteriormente uma família mais numerosa. Calculista<sup>2</sup>, via na esposa unicamente uma mulher que reunia varias condições fisiológicas e anatômicas que tornavam-na apta a lhe dar filhos robustos, com saúde e inteligentes, sua estética corporal de nada importava frente a ilustríssima futura mãe da criança que iria levar, também, todas as características da ciência herdada pelo sonhador pai Simão Bacamarte.

Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas,—únicas dignas da preocupação de um sábio, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus,

---

<sup>2</sup> Notemos no personagem Simão Bacamarte um considerável exagero de natureza intrínseca da imagem satírica do autor perante ao personagem quanto ao estilo cientificista. (ELIAS, 1994, v. 1, p 201).



EDIÇÃO Nº 12 — 2º SEMESTRE DE 2011  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 28/10/2011  
ARTIGO APROVADO ATÉ 11/11/2011

porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte. (ASSIS, 2004, p 48)

De caráter político acentuado, Simão é persuasivo com seu discurso médico: consegue convencer sem muito esforço de que suas teorias sobre a loucura estão corretas. Quanto ao perfil psicológico, pode-se dizer que é prático, até em assuntos amorosos: “aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática”. (ASSIS, 2004, p. 47).

Mas esse personagem não é fruto de delírio: ele expressa uma crítica ao homem ingênuo que acredita que a Ciência trará todas as respostas e oferecerá solução para todos os problemas. As ações de Simão estão inseridas neste mundo extremamente complexo, fortemente alvejado por discursos científicos e higiênicos. Nesse momento, espera-se ações racionais, planejadas dos indivíduos, das instituições e do Estado.

Exemplar também é o arranjo “científico” de Bacamarte: a solução do problema é isolá-lo. Tal prática, na verdade, apenas subtrai os problemas do campo de visão social. A cura dos julga doentes mentais não é a preocupação primeira de Simão Bacamarte: o estudo científico vinha em primeiro lugar, ele queria garantir que seus conhecimentos (como médico) fossem mais aprofundados, mas para isso era preciso “cobaias” para que realizar seus objetivos: “O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhes os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal” (ASSIS, 2004, p 17).

Simão Bacamarte teme que sua técnica científica não seja o método mais eficiente. Ele teme frustrar as autoridades, a si mesmo e aos outros.

De fato o alienista oficiara à Câmara expondo: — 1º: que verificara das estatísticas da vila e da Casa Verde que quatro quintos da população estavam aposentados naquele estabelecimento; 2º que esta deslocação de população levava-o a examinar os fundamentos da sua teoria das moléstias cerebrais, teoria que excluía da razão todos os casos em que o equilíbrio das faculdades não fosse perfeito e absoluto; 3º que, desse exame e do fato estatístico, resultara para ele a convicção de que a verdadeira doutrina não era aquela, mas a oposta, e portanto, que se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades e como hipóteses patológicas todos os casos em que aquele equilíbrio fosse ininterrupto; 4º que à vista disso declarava à Câmara que ia dar liberdade aos reclusos da Casa Verde e agasalhar nela as pessoas que se achassem nas



EDIÇÃO Nº 12 — 2º SEMESTRE DE 2011  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 28/10/2011  
ARTIGO APROVADO ATÉ 11/11/2011

condições agora expostas; 5º que, tratando de descobrir a verdade científica, não se pouparia a esforços de toda a natureza, esperando da Câmara igual dedicação; 6º que restituía à Câmara e aos particulares a soma do estipêndio recebido para alojamento dos supostos loucos, descontada a parte efetivamente gasta com a alimentação, roupa, etc.; o que a Câmara mandaria verificar nos livros e arcas da Casa Verde. (ASSIS, 2004, p 17)

Machado não poupa ironia contra os que acreditam por acreditar. Ele critica, pois, por meio de personagens que detêm autoridade, aqueles que, sem conhecimento, aderem às idéias daqueles que emitem discursos que parecem ser verdadeiros (HOLANDA, 1978, p 59) Simão trabalhara em uma nova teoria da loucura e, para aplicá-la, era necessário que unisse força com o poder político, administrativo e psicológico. Detém uma retórica capaz de convencer a câmara da cidade de Itaguaí, que não tem competência para interferir nos assuntos da ciência, a lhe dar plenos poderes para acolher e tratar todos os dementes (loucos) da cidade, recolhendo-os na casa verde (sanatório), na qual teriam um tratamento adequado e a possibilidade de cura.

Para Simão tudo tem uma explicação científica, e por meio de um controle severo, ele se mune dos poderes da lei para por em prática uma nova ordem na cidade, que ficaria livre dos loucos, espalhados por toda parte, conforme sua teoria. A princípio, as atitudes de Simão são aceitas como uma “necessidade científica”. Mergulhado em si mesmo, Simão Bacamarte age sem controle, tendo como medida seu próprio julgamento, que entendia ser “científico”. Tão crente na ciência quanto severo em sua vontade de explicar tudo pela ciência, Bacamarte, de médico higienista, torna-se uma espécie de representante da polícia médica, em Itaguaí.

### **Simão Bacamarte: um alienista ou um alienado?**

Dos significados registrados no Dicionário Houaiss para a palavra “bacamarte<sup>3</sup>”, um deles traduz bem o personagem criado por Machado de Assis: “antiga arma de fogo”. Bacamarte é um personagem munido de um saber que lhe atribuía um poder sobre todos os outros

---

<sup>3</sup>Houaiss: Substantivo masculino: 1 Rubrica: armamento: antiga arma de fogo de cano largo e em forma de campânula (para facilitar o carregamento da munição). 2 Derivação: por extensão de sentido. Regionalismo: Brasil. Uso: pejorativo: indivíduo sem préstimo, inútil, pesado. 3 Derivação: por extensão de sentido: livro velho, volumoso e sem utilidade. 4 Derivação: por extensão de sentido. Regionalismo: Rio de Janeiro. Uso: informal: coisa sem serventia; traste. 5 Rubrica: turfe. Diacronismo: obsoleto: cavalo que fica sempre entre os últimos colocados. HOUAISS. Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa. Pcmac DHS-21769377.





EDIÇÃO Nº 12 — 2º SEMESTRE DE 2011  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 28/10/2011  
ARTIGO APROVADO ATÉ 11/11/2011

personagens. Seu saber, em sua concepção, é a “verdade”, pois desde que passe por prova científica, como lembra Foucault, uma tese recebe o atestado de verídico.

Simão não quer travar uma luta armada ou comprar briga sangrenta com a população, seu interesse “discursivo” se traduz simplesmente em dominar, se apoderar da confiança social, da confiança política e por fim da vida de cada um, tudo em nome da ciência.

Por exemplo, um dos vereadores,—aquele justamente que mais se opusera à criação da Casa Verde,—desfrutava a reputação de perfeito educador de cobras e macacos, e aliás nunca domesticara um só desses bichos; mas, tinha o cuidado de fazer trabalhar a matraca todos os meses. E dizem as crônicas que algumas pessoas afirmavam ter visto cascavéis dançando no peito do vereador; afirmação perfeitamente falsa, mas só devida à absoluta confiança no sistema. Verdade, verdade, nem todas as instituições do antigo *regímen* mereciam o desprezo do nosso século. (ASSIS, 2004, p. 60)

A verdade como uma vontade insaciável em que Simão trás em seus discursos esta necessariamente impregnada de seu saber científico, segundo Foucault, esta vontade de saber a verdade não passa de uma subterfúgio para implicar, entre as diferenças de camadas ou de classes, um sistema de exclusão que se apoia sobre um poder institucional, cheias de símbolos e códigos, feitos com a intenção de formar uma pedagogia dos dominantes.

[...] essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apóia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje. Mas ela é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído. Recordemos aqui, apenas a título simbólico, o velho princípio grego: que a aritmética pode bem ser o assunto das cidades democráticas, pois ela ensina as relações de igualdade, mas somente a geometria deve ser ensinada nas oligarquias, pois demonstra as proporções na desigualdade. (FOUCAULT, 1996, p. 17-18).

Simão Bacamarte tem seu espírito imbuído de ciência: “Os alienados foram alojados por classes. Fez-se uma galeria de modestos; isto é, os loucos em quem predominava esta perfeição moral; outra de tolerantes, outra de verídicos, outra de símplices, outra de leais, outra de magnânimos, outra desagazes, outra de sinceros, etc.” (ASSIS, 2004, p. 95) os que estão fora da casa verde.





EDIÇÃO Nº 12 — 2º SEMESTRE DE 2011  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 28/10/2011  
ARTIGO APROVADO ATÉ 11/11/2011

Atirando para todos os lados, Bacamarte começa a duvidar de suas teses quando percebe que grande parte da cidade está confinada na Casa Verde. Passa então a questionar sua própria teoria. Ao inserir esta chama da dúvida, Machado de Assis, provoca aquilo de que mais a ciência se orgulha: a certeza.

Tal era o sistema. Imagina-se o resto. Cada beleza moral ou mental era atacada no ponto em que a perfeição parecia mais sólida; e o efeito era certo. Nem sempre era certo. Casos houve em que a qualidade predominante resistia a tudo; então o alienista atacava outra parte, aplicando à terapêutica o método da estratégia militar, que toma uma fortaleza por um ponto, se por outro o não pode conseguir. (ASSIS, 2004, p 97)

A ação normalizadora sobre os loucos se desencadeia para preservar a integridade da vida social, este é o pensamento de Simão Bacamarte. O louco, pela conduta insana, era considerado um “perigo social”. Simão Bacamarte, depois que confinava os ‘loucos’, observava-os e anotava sobre o comportamento de cada um. Mas não se fala em tratamento.

Desde que a ciência atribuiu à loucura a condição de doença mental, os médicos foram “[...] qualificados para intervir e diagnosticar uma loucura que lhe impede de ser um doente como os outros: você será então um doente mental” (FOUCAULT, 1999, p. 127). Semelhante pergunta se fez Simão Bacamarte para si mesmo: serei eu um louco?

Simão se viu obrigado a rever seus conceitos, ele por ele mesmo, chegando a conclusão que normalmente os loucos estão em minoria, pensando nisso: loucura acaba sendo a exceção, e o equilíbrio a regra, como a maioria está internada na casa verde, logo a maioria da humanidade é constituída de loucos, assim ser louco, é o normal, devolvê-los a seus antigos lugares é o mais justo, soltos porque são loucos. Como Simão se considerava em perfeito equilíbrio das faculdades mentais — por que não pensar? — não será esta a verdadeira loucura? Talvez o juízo fosse o mais perfeito disfarce da loucura.

Simão Bacamarte concentra em si o grandioso e triunfante homem de ciência, higienista e alienista. Ao passar pelo processo de conhecer os loucos, trancafiá-los na casa verde, por amor à ciência, o reconhecimento da nova “verdade” acaba sendo trágica para o personagem: sua nova tese precisava ser investigada e talvez só restasse a si próprio para ser o objeto da ciência.



EDIÇÃO Nº 12 — 2º SEMESTRE DE 2011  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 28/10/2011  
ARTIGO APROVADO ATÉ 11/11/2011

Por que não pensar que Simão, ao entrar na Casa Verde, refúgio de sua consciência, estivesse pensando em algo radical como a morte: “a morte é um limite definitivo dos seus atos e pensamentos, e depois dela é possível elaborar uma *interpretação* completa, provida de mais lógica, mediante a qual a pessoa nos aparece numa unidade satisfatória, embora as mais das vezes arbitrária” (PRADO, 1998, p 64). Simão assumiu para si todas as responsabilidades e projetos da ciência, partilhado por muitos e atenciosos admiradores que até hoje buscam respostas na salvadora medicina.

Mas, com toda esta discussão sobre loucura, ainda resta a pergunta: quem são os nossos loucos?

Finalizando as reflexões que se desenvolveram em torno do conto “O Alienista”, de Machado de Assis, a partir do qual, desenvolveu-se uma análise da relação sobre a forma como o processo higienizador comparece na literatura do Século XIX, é preciso fazer algumas considerações finais.

É importante esclarecer que este trabalho, cujo centro de discussão se voltou para o processo higienizador do qual, inconscientemente, estava imbuído o espírito de Simão Bacamarte. A discussão possibilitou tocar em discussões graves como as mudanças com efeito de urbanização, secularização dos costumes, racionalização das condutas, funcionalidade nas relações pessoais e maior esfriamento das relações efetivas interpessoais, com um fundo exclusivamente político e higiênico.

Quanto ao personagem Simão Bacamarte pode-se notar que a ênfase na conduta rigorosamente científica de Simão Bacamarte torna o personagem engraçado, pois personifica, de certa forma, o famoso tipo “cientista louco”. Simão Bacamarte é apenas uma caricatura do cientista dedicado, incapaz de levantar os olhos para contemplar o belo, pois só via razão.

Mas o que Machado desejava naquele tempo, era retratar de um modo literário a sociedade que, de um modo ou de outro, continuava a oprimir utilizando a realidade complexa como artifício de seleção humana.



EDIÇÃO Nº 12 – 2º SEMESTRE DE 2011  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 28/10/2011  
ARTIGO APROVADO ATÉ 11/11/2011

Entre os literatos do Brasil, Machado de Assis foi um, entre poucos, que desenvolveu claramente a crítica, frente ao discurso científico, na sociedade brasileira da época. Ele soube enxergar seus limites e construir uma crítica social bem-humorada, mas densa.

Mas ao mesmo tempo uma loucura social, de uma crítica a sanidade da ciência e dos cientistas, que buscam (ser) a absoluta verdade, mas não se deparam com suas irônicas realidades “loucas”. Será mesmo que o discurso científico é capaz de ser a verdade ou dar todas as respostas? É necessária a reflexão sobre cooperação de diferentes ramos do conhecimento, hoje frequentemente divididos por barreiras artificiais, para que gradualmente sejam respondidas as questões levantadas no curso deste estudo.

Algumas questões foram ignoradas, devido ao recorte temático da monografia, mas, de uma maneira ou outra, elas deixaram de ser consideradas. A intenção de investigar o processo higienizador na obra de Machado de Assis foi válida e fez cumprir o objetivo do trabalho. Enfim, depois de tudo, pergunta-se mais uma vez: quem são os loucos?

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *O Alienista*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 4 ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. Estudos de teoria e história literária. 8 ed. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 2000.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e norma Familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- ELIAS, Norbert. *O Processo civilizador*. Uma história dos costumes, v. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Editor), 1994.
- FERNANDES, Célia Regina Delgado. *A Antipsiquiatria brasileira do século XIX*. Revista Conhecimento Prático, Literatura. [São Paulo]: Escala Educacional. [2009?].
- FOUCAULT, Michel. *A Microfísica do Poder*. 14 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p 88.
- \_\_\_\_\_. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- \_\_\_\_\_. *História da Loucura na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.



EDIÇÃO Nº 12 — 2º SEMESTRE DE 2011  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 28/10/2011  
ARTIGO APROVADO ATÉ 11/11/2011

HOUAISS. Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa. Pcmac DHS-21769377.

LOURENÇO FILHO, M.B. *Introdução ao estudo da nova escola*. São Paulo: Melhoramento, 1978.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. Vol. 3: Maturidade. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1981.

PRADO, Décio de Almeida. et al. *A Personagem de ficção*. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

REIS, Luzia de Maria. *O que é conto*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. [**Traços biográficos**]. Machado de Assis. Disponível em: <http://www.machadodeassis.org.br>. Acesso em: 03 jan. 2010.

CAMARGO, Sabrina. *Um olhar sobre a loucura de Foucault*. CienteFico. Ano III, v. I, Salvador, jan-jun 2003. Disponível em: [www.frb.br/.../Um%20Olhar%20Sobre%20a%20Loucura%20de%20Foucault.pdf](http://www.frb.br/.../Um%20Olhar%20Sobre%20a%20Loucura%20de%20Foucault.pdf). Acesso em: 03 jan. 2010.

SANTOS, Claudete Daflon dos. *A escrita rasurada: Machado de Assis e pensamento científico do século XIX*. Disponível em: [www.filologia.org.br/machado\\_de\\_assis/](http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/). Acesso em: 06 fev. 2010.